



Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA – CURSO DE SEMINÁRIO TEOLÓGICO

Orientador: Pe. Edilson Santos da Costa

Hudson Pereira de Oliveira

JESUS: LUZ, PASTOR E VIDA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS COMENTÁRIOS AO EVANGELHO DE JOÃO POR SANTO AGOSTINHO DE HIPONA, BISPO.

RESUMO

Artigo apresentado como requisito para o curso de Seminário Teológico na graduação em Teologia junto ao Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília – Nossa Senhora de Fátima – no segundo semestre de 2018. Este artigo tem por finalidade refletir alguns temas elencados nos comentários feitos por S. Agostinho de Hipona ao Evangelho de S. João. Os temas abordados terão como enfoque a tríplice imagem “Luz, Pastor e Vida” em relação com a pessoa de Jesus Cristo no contexto joanino, onde cada um dos termos será sistematicamente analisado de modo a traçar uma linha unitária ao longo das três noções exploradas, tendo como plano de fundo a abordagem litúrgica e simbólica presentes no Evangelho de S. João.

Palavras chave: Luz, luz do mundo, luz da vida, pastor, bom pastor, porta, verdade e vida, Jesus Cristo.

INTRODUÇÃO

O Evangelho de S. João é conhecido como o “Evangelho dos Sinais”, onde a narrativa foge àquela tipicamente encontrada nos demais sinóticos. Forte é a presença do contexto litúrgico, expressa nas diversas festas das quais tiramos os principais discursos de Jesus. Já no capítulo 2, em uma narrativa exclusiva, Jesus Cristo se auto-revela antes mesmo de ter chegado seu tempo, na festa das bodas em Caná da Galiléia, junto à presença de sua Santíssima Mãe, a Virgem Maria (cf. Jo 2, 1-11). O texto joanino traz logo no início da missão messiânica um contexto festivo, e logo nos inserirá em outro: “Estava próxima a Páscoa dos Judeus, e Jesus subiu para Jerusalém” (Jo 2, 13). Ali no Templo, depois de expulsar os vendilhões (cf. Jo 2, 14-22), diz-se que “enquanto estava em Jerusalém, pela festa da Páscoa, muitos acreditaram no Seu nome” (Jo 2, 23a), até que Nicodemos, um judeu conhecido e letrado, o interpela na calada da noite (cf. Jo 3, 1-21).

Temos nesse diálogo uma prefiguração da teologia que está por vir, Jesus se lança dos *sinais* para revelar-se e, desde já, o evangelista antecipa a contraposição de “luz-trevas” que se dará na longa discussão entre Jesus, Escribas e Fariseus, onde Jesus se declarará ser explicitamente a Luz do mundo (cf. Jo 8, 12).

O evangelista continua a situar- nos contexto litúrgico, dizendo que houvera outra festa dos Judeus, onde Jesus subira novamente à Jerusalém (cf. Jo 5, 1), ainda que não possamos precisar ao certo de que festa se trataria. Mas o essencial é que novamente se lançará de seus sinais se apresentando, após a milagrosa multiplicação dos pães, como o Pão da Vida descido dos céus (cf. Jo 6, 26-59). A narrativa segue adiante até a Festa dos Tabernáculos, que remonta o tempo em que os Hebreus passaram no deserto sob a tutela de Moisés (cf. Jo 7). Aqui, outros tantos sinais indicam novas contraposições como *vida-morte*, *noite-dia*, *cegos-videntes*, até que se retome a temática

acerca da *luz* (cf. Jo 8, 12; 9, 5) e para o início de uma nova fase: Jesus se revelará *pastor*, *porta*, *porteiro* que leva à Salvação (cf. Jo 10,7.9.11). E, como era de se esperar, “celebrou-se então, em Jerusalém, a festa da Dedicção” (Jo 10,22), onde, após se identificar com a figura do *Bom Pastor*, provocará novamente a hostilidade por parte dos Judeus, especificamente quando afirma que é *um* com o Pai (cf. Jo 10, 30). Vale notar por fim, que para além de *pastor*, Jesus é a própria *ovelha* do sacrifício (cf. 10, 17-18) que se dará na última celebração festiva narrada por João: a última *Páscoa de Cristo*, isto é, sua *Paixão*, inaugurando a Nova e Eterna Aliança, de modo que “Ele é o verdadeiro *cordeiro*, que tira o pecado do mundo. Morrendo, destruí a morte e, ressurgindo, deu-nos a vida”¹.

Tendo em vista o que fora exposto, daqui em diante, nos concentraremos naquilo que Santo Agostinho de Hipona (354-430) refletiu e compilou, sobretudo em seus “*Comentários*”, acerca destes temas, tendo como centro estes três elementos: *Luz*, *Pastor* e *Vida*, bem como outras imagens associadas a eles.

JESUS DISSE: “EU SOU A LUZ DO MUNDO”

No diálogo com Nicodemos, Jesus começa o ensaio de sua auto-revelação. Nicodemos, “notável entre os judeus” (cf. Jo 3, 1), tem dificuldade em reconhecer a Verdade encarnada à sua frente; o próprio contexto nos dá a entender que *era noite* (cf. Jo 3, 2), de modo que diante de si se encontrava a Luz necessária para enxergar a Verdade. Mas Nicodemos permanece obnubilado assim como seus *irmãos* fariseus porque, aos dizeres de Jesus, “preferiram as trevas à luz” (cf. Jo 3, 19). Com isso Cristo levanta um *juízo* contra àqueles que rejeitaram a luz, isto é, abraçaram ao pecado. S. Agostinho, nesse contexto, se pergunta acerca desse *juízo*: não havia Ele vindo justamente para justificar a todos de seus

pecados e a todos conceder a luz?² Sim, mas “alguns preferiram as trevas à luz, porque suas obras eram más. Pois quem faz o mal odeia a luz e não vêm para a luz, para que suas obras não sejam demonstradas como culpáveis” (Jo 3, 19b-20). O caminho para a Luz é a busca pela Verdade, ao passo que essa busca será iluminada pela própria Verdade na medida em que renunciemos nossos pecados. Em S. Agostinho, trata-se sempre de uma dupla-via:

Para que Deus salve a quem fez, destrua tu o que fizeste. É preciso que odeie em ti tua obra e ames em ti a obra de Deus. Agora bem, quando começares a te arrepender do que fizeste, a partir de então começarás tuas obras boas, porque acusaste tuas obras más. O começo das obras boas é a confissão das obras más.³

Logo veremos uma retomada do tema da Luz em Jo 8, 12, onde especificamente Jesus afirmará: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”. Para S. Agostinho, é significativa a expressão *luz da vida*. Pois para o Senhor não bastou dizer que nos daria a *luz*, acrescentou *da vida*, pois nEle *luz* e *fonte de vida* se identificam. Num paralelo, S. Agostinho explica que:

Quando temos sede, procuramos a fonte; e quando estamos em trevas procuramos a luz. E se a sede nos acomete de noite, ascendemos a luz para irmos à fonte. Com Deus não se passa outro tanto. A luz é também a fonte. O que te alumia e te faz ver é o que brota e te faz beber.⁴

² Cf. AGOSTINHO, Comentário a Jn 3,6-21. Disponível no sítio:

http://www.augustinus.it/spagnolo/commento_vsg/omelia_012_testo.htm, acesso às 23 horas do dia 28/08/2018.

³ *Ibid*: “Para que Dios salve lo que ha hecho, destruye tú lo que has hecho. Es preciso que odies en ti tu obra y ames en ti la obra de Dios. Ahora bien, cuando empiece a disgustarte lo que has hecho, a partir de entonces empiezan tus obras buenas, porque acusas tus obras malas. Inicio de las obras buenas es la confesión de las obras malas.”

⁴ Cf. AGOSTINHO, Comentário ao Evangelho de São João, III volume: Luz, Pastor e Vida, pág. 25. A partir desta nota, por motivo de praticidade, essa obra será daqui em diante referida pela sigla “LPV”

¹ Prefácio da Páscoa I.

S. Mateus aponta outro dado interessante que S. Agostinho associa a essa reflexão. Ensinando aos seus discípulos, Cristo diz: “vós sois a luz do mundo” (cf. Mt 5, 14). Enquanto Jesus, no Evangelho de João, é a própria Luz, no Evangelho de Mateus seus discípulos são continuadores da luz que dEle emana. Por isso mesmo Cristo citará o salmo: “vós sois deuses” (cf. Sl 82,6; Jo 10, 34), “portanto, todos os santos são luzes, mas acreditando, são iluminados pela luz que é o Senhor”⁵. Cristo é a luz que ilumina os santos, e este resplandecer dos santos também nos serve de guia nas trevas, ainda que não seja o objeto de nossa fé essa “luz iluminada”. Nossa fé se orienta a fonte da luz, isto é, a Luz própria, que é Cristo. S. Agostinho diz ainda que “antes da sua vinda, Nosso Senhor Jesus Cristo acendeu, e enviou à sua frente, muitas lâmpadas proféticas.”⁶ Sem dúvida João Batista foi a que recebera mais destaque, digna até do elogio do próprio Cristo: “entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior que João, o Batista” (Mt 11, 11). Assim, àquilo que falamos sobre o resplandecer dos santos aqui se valeu pela boca do próprio Batista que soube, humildemente, abrir caminho para a verdadeira Luz, afinal “a lâmpada se submete ao dia”⁷. O próprio S. Agostinho reconhece que nossas obras servem para que nos auxiliemos na peregrinação rumo à Jerusalém Celeste e por isso afirma: “Também eu vou deixar este códice, e vós ireis tratar cada qual dos seus trabalhos. Tiremos proveito desta luz comum (...) embora nos afastemos uns dos outros, não nos afastemos dessa luz.”⁸

Não podemos cair na heresia maniqueísta, que S. Agostinho tanto combateu, tomando essas palavras de Cristo num sentido literal, afirmando que Cristo Jesus é o próprio sol, astro luminoso, que vemos nascer todos os dias; Cristo, afirmará S. Agostinho, é por quem o sol

foi criado⁹. Cristo é, portanto, a fonte da criação e da vida, da qual “todas as coisas foram feitas, e sem ele nada foi feito”¹⁰. Para os homens é mais do que criador, é Salvador, e por isso S. Agostinho o afirma como *Luz Salvadora*¹¹, relacionando-o com o Salmo 35(36) que diz “Tu, Senhor, salvarás os homens e os animais. Quanto multiplicaste a tua misericórdia, ó Deus!”. O que se dignou a nos criar dignou-se a nos salvar. É nesse sentido que nos concede a *luz da vida*, porquanto a luz que lhe é própria também é fonte de vida.

Outra tendência que o Bispo de Hipona combateu foi o gnosticismo, corrente que em seu tempo muito nocivamente adentrou na Igreja. Muitos quiseram afirmar que as obras que o Senhor realizara eram devidas não à sua divindade, mas à magia, de modo que Cristo, ao invés de Filho consubstancial do Pai, fosse um mago ilustre. A isso S. Agostinho responde utilizando-se novamente das figuras que enviara para iluminar seu caminho, isto é, os profetas. Ora, “se Jesus era mago, e por artes mágicas conseguiu que o adorassem depois de morto, já era mago antes de nascer?”¹². Assim S. Agostinho argumenta que toda Escritura tem Cristo como centro enquanto Ele é a própria Luz que ilumina as Escrituras e nos dá a plena revelação das mesmas. Jesus tendo vindo ao mundo como homem quis mandar antes de si como que “faróis” a iluminarem seu caminho, o próprio Batista era uma dessas lâmpadas que vieram dar testemunho do “dia”¹³. Nós, que permanecemos mergulhados nas trevas deste mundo também precisamos colher desses testemunhos.

Agora vejamos as imagens que se contrapõem à Luz, que estão repletas na literatura joanina, e como S. Agostinho as compreendeu. S. João após lançar imagens positivas para a revelação do Filho de Deus as

⁵ Cf. *ibid.* pág. 401.

⁶ *Ibid.* pág. 36.

⁷ *Ibid.* Cf. também a pág. 295.

⁸ *Ibid.* pág. 50.

⁹ Cf. *ibid.* pág. 20.

¹⁰ Cf. Símbolo Niceno-constantinopolitano.

¹¹ Cf. LPV, pág. 20-21.

¹² *Ibid.* pág. 48.

¹³ *Ibid.* pág. 44.

contrapõe de maneira a figurar também ações e posições contrárias a verdade revelada, isso porque Cristo não quer argumentar por meio de uma lógica humana, mas quer revelar-se aos puros de coração que não buscam pela soberba e pelo orgulho, de modo a ocultar aos sábios e doutores verdades que penetram os corações dos pequeninos¹⁴. A luz, explica S. Agostinho, ilumina todos os objetos e dá a verdade de tudo, entretanto os *olhos da carne* são incapazes de deixarem-se iluminar, pois a luz deve brilhar de dentro para fora, isto é, dos corações iluminados acessa-se a verdade. Um coração absorto em trevas será, mesmo tendo o Sol diante de si, incapaz de vislumbrar qualquer feixe que seja, é sempre uma abertura de espírito: “Ele falava como luz, falava como verdade, mas a luz brilhava nas trevas e as trevas não a compreenderam. Julgavam pois segundo a carne.”¹⁵. Sem abertura de coração é impossível deixar-se iluminar, permanecerão cegos por não quererem enxergar, isto é, não quererem comprometer-se de todo o coração ao conhecimento da verdade que ilumina: “Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8, 13).

Seguir a Cristo é pressuposto para acessar essa verdade, do contrário o “povo se perde por falta de conhecimento” (Os 4, 6). Essa atitude é a do descomprometimento e da imparcialidade que vemos na cura do cego de nascença em que o Senhor adverte acerca desse grande perigo, de modo que S. Agostinho entende que as “trevas das ações” são mais temíveis do que as “trevas dos olhos”¹⁶ pois desta maneira o nosso pecado permanece. Permanece porque é atitude voluntária, porque as trevas em seus corações lhes agradam e não querem abdicar de seus pecados, preferem as trevas à Luz. Isto explica a atitude dos judeus cuja aproximação da pessoa de Jesus não fora o suficiente para que pudessem reconhecê-lo como Filho de Deus,

“não desejavam a verdade... a alma não se move por meio de pés, mas de afetos... e ardiam em desejos de fazer o mal. Tinham-se afastado para longe, e aí permaneciam. Não se aproximavam acreditando, e oprimiam perseguindo.”¹⁷

Nesse sentido Jesus prefere os puros de coração, àqueles que serão capazes de ver a Deus¹⁸ e se retira da presença daqueles que não estão dispostos a uma abertura sincera de coração¹⁹, pois é preciso crer na Luz para se tornar filhos da luz²⁰, portanto “purifiquemos os corações para a visão invisível”²¹. Ele nos chama e nessa postura nos será permitido ouvir sua voz, o reconheceremos como um Bom Pastor e entraremos por sua porta. Nossa reflexão seguirá agora tendo esse norte: após sermos iluminados, Cristo mesmo nos conduz e tem zelo por cada um que atrai para si.

JESUS DISSE: “EU SOU O BOM PASTOR”

Trazendo novamente o contexto litúrgico da celebração do *Sukkot* (Festa dos Tabernáculos), em que o povo celebra e faz memória da presença de Iahweh na Tenda da Runião (cf. Ex 40, 35), S. João afirma essa mesma presença, a mesma *shekinah*, quando o Verbo de Deus se fez carne e habitou no meio de nós (cf. Jo 1, 14)²². Mas no deserto Deus não está presente somente na tenda, ele “caminha com o povo”, como podemos conferir a partir da afirmação de que “em todas as etapas, quando a *nuvem* se levantava acima da Habitação, os israelitas punham-se em marcha” (Ex 40, 36. Grifo nosso), por isso também Jesus é *Emmanuel*, Deus conosco. Não é a *nuvem* que acompanha o povo, ao contrário “se a *nuvem* não se levanta, também eles não marchavam até que se levantasse” (Ex 40, 37): A *nuvem* guia Israel pelo deserto rumo à pátria prometida; Jesus guia o povo rumo à pátria celeste. É nesse

¹⁴ Cf. Mt 11, 25-27.

¹⁵ LPV, pág. 55.

¹⁶ Cf. *Ibid.* pág. 35.

¹⁷ *Ibid.* pág. 283.

¹⁸ Cf. Mt 5, 8.

¹⁹ Cf. Jo 12, 36b.

²⁰ Cf. Jo 12, 36a.

²¹ LPV pág. 393.

²² Cf. nota de rodapé “e” da Bíblia de Jerusalém.

contexto que Jesus se afirma *guia*: “Eu sou o bom pastor” (Jo 10, 14).

Jesus expressa nessa frase um conteúdo importante: “o Senhor não diria *bom* se não houvessem maus pastores.”²³ Assim como as contraposições luz-trevas e videntes-cegos foram feitas nos capítulos anteriores, aqui vemos algumas figuras antagonistas, que são os *maus pastores* bem como os *mercenários*. “Maus pastores são os roubadores e ladrões, e com certeza os que são pelo menos *mercenários*”²⁴. Assim como S. Agostinho também “devemos investigar, distinguir e conhecer todos os que o Senhor aqui mencionou.”²⁵. Importante notar que a figura do mercenário é, de algum modo, *útil*, visto que o mercenário é pago pelo que desempenha, ainda que não esteja realmente comprometido com a causa em que exerce. Afinal, “nem seria chamado mercenário, se não recebesse mercê da parte que assinalou”²⁶. O mercenário pode ser até útil, mas, o Senhor afirma, não é bom. Não é bom porque não está disposto a entregar a sua vida como o Bom Pastor e diante do lobo prefere fugir; as ovelhas são para ele meramente objeto de renda, não se afeiçoa a ela, portanto se uma ameaça se põe diante delas é capaz de abandoná-las, até porque assim certamente terá mais chances de fugir, visto que são mais frágeis e certamente se tornarão vítimas primeiro. Nesse contexto S. Agostinho, imbuído do espírito episcopal, aponta que os mercenários são comparáveis a:

certos superiores da Igreja dos quais diz o apóstolo Paulo: “Procuram seus interesses, e não os que pertencem a Jesus Cristo” (Fl 2, 21). Não amam desinteressadamente Cristo; não procuram a Deus por Deus; andam em busca das comodidades temporais; desejam ardentemente os lucros; apetezem as honras da parte dos homens.²⁷

Interessante o fato de que S. Agostinho soube ver uma certa *utilidade* para com os mercenários, não são de todo desnecessários. Porque “na verdade, muitos, enquanto procuram na Igreja as comodidades terrenas, vão anunciando Cristo, e por meio deles ouve-se a voz de Cristo”²⁸. Portanto se falamos das palavras de Cristo, é no final as palavras de Cristo que ouvem e seguem. Comparáveis, pois, aos fariseus e aos escribas:

são apontados pelo Senhor que diz: ‘Sobre a cadeira de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus. Tudo, pois, quanto vos disserem, observai-o e fazei-o, mas não procedais segundo a prática de suas ações’... Enquanto praticam o mal não pregam na cadeira de Cristo. O prejuízo que causa, está no mal que pratica, não no bem que prega.²⁹

Mas de todo modo, o mercenário não será totalmente absolvido de sua culpa, porquanto “em vista de procurar a mercê temporal, não habitará na casa para sempre”³⁰. Judas nos serve de exemplo: ele cooperou com o anúncio da Boa Nova, era administrador dos bens do Senhor, contudo era *ladrão*. “Completava o número dos doze apóstolos, mas não gozava da felicidade apostólica”³¹. Todos que desempenham a função de pastores na Igreja estão, portanto, unidos à Cabeça; bem como os apóstolos “eram unidos no pastor. Alegravam-se naquela cabeça, harmonizavam-se naquela cabeça, e viviam num único espírito, na constituição de um corpo único. Por isso todos pertenciam a um único pastor”³².

Para além dessa figura, Cristo também cita o *lobo*, do qual até os mercenários fogem. E “quem é o lobo, senão o diabo?”³³. O pastor não pode fugir do mal e do maligno, antes, oferece sua vida pelo rebanho bem como, nos lembra S. Agostinho, todos os apóstolos

²³ LPV, pág. 241.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ *Ibid.*

²⁶ *Ibid.* pág. 246.

²⁷ *Ibid.* pág. 246-247.

²⁸ *Ibid.* pág. 248.

²⁹ *Ibid.* pág. 248-249.

³⁰ *Ibid.* pág. 254.

³¹ *Ibid.* pág. 343.

³² *Ibid.* pág. 252.

³³ *Ibid.* pág. 251.

fizeram, exceto, como vimos, Judas Iscariotes. Num paralelo, quer também justificar o motivo pelo qual o apóstolo Paulo teve de *fugir*, conforme diz em “uma Epístola que Paulo fugiu; que foi descido de um muro numa alcofa por uma abertura, para escapar das mão de seu perseguidor”³⁴. A esse episódio, S. Agostinho explica que o Apóstolo, embora tenha escapado da perseguição, não abandonou em momento algum seu rebanho na oração. Perseguiam a ele que ainda teria muito a fazer, de maneira que “fugindo, procurava salvar a vida para a utilidade das mesmas ovelhas, conforme as palavras que nos deixou: ‘é necessário para vós que eu permaneça na carne’ (Fl 1, 24)”³⁵, não hesitando de fato no fim de sua pregação em dar o sangue em martírio.

Voltemo-nos novamente à figura do *pastor-guia* Jesus. Sabemos que Moisés orientou o povo pelo deserto, mas a entrada para a terra prometida passa a estar além de sua missão. Josué, seu sucessor, é quem adentra a terra e, exatamente por isso, os Padres da Igreja identificaram na figura de Josué uma prefiguração de Cristo³⁶:

Enquanto ao fato de que já se chamava Josué (Jesus) quando a Escritura atesta no livro dos Números (cf. Nm 13, 17) que só recebeu esse nome já estando a ponto de entrar com os israelitas na terra prometida, temos que assinalar que a Escritura antecipa por *prolepsis*, por antecipação, o que se realizou mais tarde.³⁷

³⁴ *Ibid.* pág. 252.

³⁵ *Ibid.*

³⁶ Vele recordar que os nomes de Jesus e de Josué possuem o mesmo significado cf. heb. *Yeshua* e *Yehoshua*, sendo o primeiro uma forma abreviada do segundo.

³⁷ “En cuanto al hecho de que se le llame ya Josué (Jesús) cuando la Escritura atestigua en el libro de los Números que recibió ese nombre estando ya a punto de entrar los israelitas en la tierra prometida, hay que señalar que la Escritura antecipa por *prolepsis*, por anticipación, lo que se realizó más tarde.” AGOSTINHO, Cuestiones sobre el Heptateuco, Libro II.

Disponível no sítio:
http://www.augustinus.it/spagnolo/questioni_ettateuco/qu_est_ettateuco_2_libro.htm, acesso às 17 horas do dia 18/09/2018.

Ao passo que Jesus é quem conduz, também é quem dá acesso, de modo que S. João unirá a imagem da *porta*, isso significa que em Cristo *pastor e porta* coincidem. Não pomos em cheque a revelação, Ele mesmo afirmou ser porta e pastor³⁸, no entanto S. Agostinho quer ainda responder: “E quem é o porteiro? Explicou-nos quem é a porta e o pastor, e deixou-nos o trabalho de investigar quem é o porteiro”³⁹. Para o autor, Cristo também encerra essa verdade em si: é porta, pastor e porteiro, justamente porque “entra por si mesmo”, quer dizer, “quem é, pois, o que abre a si mesmo, senão o que a si mesmo se dá a conhecer?”⁴⁰.

Mas S. Agostinho, nesse ponto, vai mais profundamente refletir sobre a unidade dos sinais usados pelo Evangelista: dentro em breve, no capítulo 13, Jesus celebrará sua última páscoa. É bem sabido que a vítima pascal é o *cordeiro*, e é o Batista quem afirma: “Eis o cordeiro de Deus, eis o que tira o pecado do mundo” (Jo 1, 29). Cristo logo se oferecerá em holocausto, figura que o profeta Isaías também pôde vislumbrar quando disse que “foi levado como uma ovelha para o sacrifício” (Is 54, 7). Aqui queremos constatar com S. Agostinho que “o cordeiro e a ovelha e o pastor são amigos entre si; as ovelhas costumam ser guardadas dos leões pelos pastores. Entretanto nós, a respeito de Cristo que é ovelha e pastor, lemos: ‘Venceu o leão da tribo de Judá’”⁴¹, donde tiramos a importante conclusão: se o leão é quem tira a vida das ovelhas, se leão é imagem da morte, Cristo é a ovelha que venceu o leão, é a Vida que venceu a morte.

JESUS DISSE: “EU SOU A VIDA”

“Houve então a festa da Dedicção, em Jerusalém. Era inverno. Jesus andava pelo templo, sob o pórtico de Salomão. Os judeus, então, o rodearam e lhe disseram: ‘Até quando

³⁸ Cf. Jo 10, 7.14.

³⁹ LPV, pág. 242.

⁴⁰ *Ibid.* pág. 245.

⁴¹ *Ibid.* pág. 244.

nos manterás em suspenso? Se és o Cristo, dize-nos abertamente’. Jesus lhes respondeu: ‘Já vo-lo disse, mas não acreditais.’” (Jo 10, 22-25a). Neste drama o Evangelista guia-nos para os últimos capítulos da vida de Jesus. A festa da Dedicção é celebrada durante oito dias e toda a tradição Católica juntamente com os Padres da Igreja irão, mais tarde, identificar o “oitavo dia” com o dia da ressurreição do Senhor, o dia no qual “a Vida venceu a morte”. Mas, dentro da tradição judaica, essa festa quer recordar o *ner tamid* (fogo eterno) no milagre relatado no livro de II Macabeus, em que a chama da *menorá* permaneceu viva durante oito dias, sendo que o óleo que fora ali depositado só seria suficiente para um dia de queima. Portanto, nesta celebração, os judeus usavam a *hanukía* ao invés da *menorá* (candelabro semelhante, mas possui suporte para nove velas). No pórtico, Jesus declara que nada mais do que dissesse seria suficiente, visto que os sinais foram dados, a nona luz da *hanukía* estava acesa diante deles, ainda assim nada podiam ver. Por pouco tempo a luz esteve entre eles e preferiram caminhar nas trevas⁴². Assim como o *ner tamid*, a luz de Cristo não se apagará jamais, e por isso podemos concordar que “indubitavelmente a alma é imortal”⁴³. E bem como “o mundo foi criado para a glória de Deus”⁴⁴, sabemos, como afirmou S. Irineu de Lyon, que “a glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus”⁴⁵. S. Agostinho também concorda que assim como “a vida da tua carne é tua alma; a vida da tua alma é o teu Deus”. Por isso afirmaremos Jesus como fonte da vida; Jesus como a própria condição de vida; e Ele mesmo afirmou-nos: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6). Quando Jesus afirma-se *verdade*, S. Agostinho afirma que “a

verdade é imutável. A verdade é pão. Alimenta as inteligências e jamais falece. Transforma quem dela se alimenta.”⁴⁶. Esse *pão* que S. Agostinho identifica com a *verdade* é o Pão da Vida⁴⁷ que permanece e tira toda a fome. É também identificado com sua *palavra*⁴⁸, pois “se alguém guardar a minha palavra jamais verá a morte” (Jo 8, 51). O *caminho* também é caminho para a vida, pois, já o vimos, o caminho que nos conduz, como pastor, é a pátria celeste, donde é também porta e porteiro.

O caminho para a pátria celeste é caminho de vida; ainda que a morte da carne seja inevitável, viveremos⁴⁹ porque a vida se dá de fato só em Deus. Se a imagem contrária a vida é a morte, devemos entender que há uma diferença entre a morte da carne e a morte eterna. A primeira é uma via necessária que pode nos encaminhar tanto a vida quanto à condenação, que é a morte eterna. É bem sabido que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6, 23) e que essa morte que fala o Apóstolo é a eterna. “Todos nós nascemos com o pecado. E na vida, acrescentamos alguma coisa ao pecado em que nascemos e tornamo-nos mais impregnados do mundo do que quando nascemos dos nossos pais.”⁵⁰ e “esta é a verdadeira morte. A morte corporal é uma emigração”⁵¹. Mas Jesus nos deu o perdão dos pecados pela sucessão apostólica⁵², de maneira que ainda que tenhamos como inevitável a morte da carne, a porta dos céus nos é aberta por esse Porteiro para a vida. Deste modo é que “foi restituída a esperança aos que desesperavam, despertaram-se os que os que dormiam e viçavam vigilantes nos seus corações”⁵³. Por um lado, a verdade liberta e gera a vida; por outro, o pecado escraviza e condena. A vigilância é regra de

⁴² Cf. Jo 12, 35.

⁴³ LPV pág. 269.

⁴⁴ I Concílio Vaticano, Const dogm. *Dei Filius*. De Deo rerum omnium Creatore, canon 5: DS 3025.

⁴⁵ Santo Irineu de Lyon, *Adversus haereses* 4, 20, 7: SC 100, 648 (PG 7, 1037) *apud* Catecismo da Igreja Católica pág. 107.

⁴⁶ LPV pág. 138.

⁴⁷ Cf. Jo 6, 35.

⁴⁸ Cf. LPV pág 188.

⁴⁹ Cf. Jo 11, 25.

⁵⁰ LPV pág. 95.

⁵¹ *Ibid.* pág. 189.

⁵² Cf. Jo 20, 23.

⁵³ LPV pág. 96.

ouro para que “não suceda que nós também sejamos tidos como escravos”⁵⁴, “fujamos todos para Cristo. Clamemos a Deus como libertador contra o pecado. Manifestemos desejos de sermos vendidos, para sermos resgatados pelo seu sangue”⁵⁵. E, enfim, assim como a Verdade é o próprio Filho de Deus, o Diabo é “pai da mentira” (Jo 8, 44) e pai da morte de maneira que vencer a morte significa, pois, vencer o jogo do pecado e do demônio. Devemos lutar contra qualquer forma de pecado, afinal lamentamos em notar:

quanto à morte da carne, que necessariamente há de vir um dia, todos procuram que ela não venha. É com este fim que trabalham. O homem há de morrer, e trabalha por não morrer. O mesmo homem há de viver sempre, e não trabalha por evitar o pecado.⁵⁶

Encaminhemo-nos para o ápice da narração evangélica: a celebração do *Pessach* – a Páscoa dos judeus; a última páscoa do Senhor⁵⁷. É Jesus quem dá a vida e faz viver, a esperança brota dessa certeza. Certeza que brotou também no coração de Marta quando afirmou Jesus “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11, 25) e ali, diante de todos, Lázaro fora ressuscitado mesmo tendo se passado tantos dias. “Que é isso? *O que crê em mim, ainda que tenha morrido, como morreu Lázaro, viverá. Deus não é dos mortos mas dos vivos*”⁵⁸. Ainda que nossa ressurreição não se dê de forma imediata, como aconteceu com Lázaro, S. Agostinho nos ensina que a *fé* antecipa essa vida eterna. Maria, a outra irmã de Lázaro, testemunha essa fé quando unge-lhe os pés com aquele bálsamo de nardo puro e de grande preço, uma libra⁵⁹. A *libra* é a balança que simboliza a *justiça* e S. Agostinho observa a incidência de uma variação do verbo grego ‘πιστις’ (*pistis*) para se dizer que o nardo era

“(pístico) de grande preço”⁶⁰; ele nos explica que “a palavra grega ‘πιστις’ tem a significação de *fé*”⁶¹ e que Maria procurava com o seu ato “praticar a justiça; ‘o justo vive da fé’ (Rm 1, 17.)”⁶². O povo irá manifestar sua fé também fazendo messiânica sua entrada em Jerusalém, por isso “uma grande multidão de povo que tinha vindo à festa, tendo ouvido que Jesus vinha a Jerusalém, tomaram ramos de palmas e saíram ao seu encontro, e clamavam: *Hosana*” (Jo 12, 12-13) e “esta expressão se deve interpretar de tal modo, que *em nome do Senhor* se entenda: em nome de Deus Pai, se bem que possa entender-se também: em seu próprio nome, porque ele também é o Senhor”⁶³, ainda que àquele povo não tivesse pleno entendimento dessas verdades, a propósito inclusive “os discípulos, a princípio, não entenderam isso; mas quando Jesus foi glorificado, lembraram-se de que essas coisas estavam escritas a seu respeito e que tinham sido realizadas” (Jo 12, 16). Logo Cristo se entregaria à morte, e explica que “se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto” (Jo 12, 24) e nesse ponto “o Senhor fazia a descrição de si mesmo. Ele era o grão de trigo que devia ser mortificado e multiplicado: mortificado pela infidelidade dos judeus, e multiplicado pela fé dos povos. Na sequência, “quem ama sua vida a perde e quem odeia sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna” (Jo 12, 25) e S. Agostinho joga com as palavras falando que é um “amor que é ódio, e um ódio que é amor”⁶⁴, de modo que “se amares mal, odeias. Se odiares bem, amas. Felizes os que odeiam guardando, para não perderem amando.”⁶⁵. O Bispo de Hipona exorta nestes termos ao seu rebanho em Cristo para que:

⁵⁴ *Ibid* pág. 141.

⁵⁵ *Ibid* pág. 144.

⁵⁶ LPV pág. 301

⁵⁷ Cf. Jo 12ss.

⁵⁸ LPV pág. 318.

⁵⁹ Cf. Jo 12, 1-11.

⁶⁰ LPV pág. 338.

⁶¹ *Ibid*.

⁶² *Ibid*.

⁶³ *Ibid* pág. 351.

⁶⁴ *Ibid* pág. 357.

⁶⁵ *Ibid*.

Por amor de Cristo e da vida eterna, advirta, ensine, exorte, castigue todos os seus. Use de benevolência, e mantenha a disciplina. O que ministra a Cristo deve exercer na sua casa uma semelhança do ofício eclesiástico, e até certo ponto episcopal, para viver eternamente com Cristo.⁶⁶

“Aceitou a enfermidade do homem para ensinar o triste e perturbado a dizer: ‘Não se faça a minha vontade, mas a tua, ó Pai’ (Mt 26, 38-39)”⁶⁷. E, neste ponto, S. Agostinho nos encaminha para o seu grande ensinamento: “deste modo o *homem* eleva-se do que é humano, às coisas divinas, sempre que prefere a vontade divina à vontade humana” (grifo do autor)⁶⁸. Assim Deus nos glorifica “porque também glorifica a Cristo nos seus membros.”⁶⁹ de modo que nossa vitória também se dá na pessoa de Cristo quando, unidos a Ele, somos glorificados e anexados a vida divina onde, enfim, celebraremos na eternidade o banquete celeste na mesa da eterna glória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivendo sua última páscoa, Jesus Cristo deu-nos vida por sua morte, tendo-se entregado como ovelha ao sacrifício⁷⁰. Vencendo a morte, as trevas, o pecado, o demônio, deu-nos vida e iluminou-nos se mostrando para nós caminho de salvação. S. João traçou um itinerário simbólico que certamente não chegará aos pés daquela experiência original cujos apóstolos viveram, mas que é suficiente para alimentar nossa fé⁷¹ e S. Agostinho em seus *Comentários* nos leva à perspectivas dentro dos sinais para mostrar que é uma fonte inesgotável. Toda realidade dos sinais tem na literatura joanina um plano de fundo litúrgico-celebrativo ao qual quisemos também relacionar, entretanto aqui nos bastou dissertar apenas tendo como guia essa tríplice simbólica: Jesus *luz*, *pastor* e *vida*; e sabemos

que o tema está longe de ser esgotado nestes breves parágrafos, mas acreditamos percorrer um caminho coerente nos fundamentando nas reflexões que S. Agostinho pôde nos oferecer para o que foi exposto.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002.

AGOSTINHO, de Hipona. Comentário ao Evangelho de São João, III volume: Luz, Pastor e Vida. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1960.

CATECISMO, da Igreja Católica. Brasília, Edições CNBB, 2013.

I, Concílio Vaticano, Const dogm. *Dei Filius*. De Deo rerum omnium Creatore, canon 5: DS 3025.

Sites:

http://www.augustinus.it/spagnolo/commento_v_sg/omelia_012_testo.htm, acesso às 23 horas do dia 28/08/2018.

http://www.augustinus.it/spagnolo/questioni_ett_ateuco/quest_ettateuco_2_libro.htm, acesso às 17 horas do dia 18/09/2018.

⁶⁶ *Ibid* pág. 362.

⁶⁷ *Ibid* pág. 367.

⁶⁸ *Ibid*.

⁶⁹ *Ibid*.

⁷⁰ Cf. Is 53, 7.

⁷¹ Cf. Jo 21, 24-25.